

ENCICLOPÉDIA

V ERBO

Luso-Brasileira de Cultura

Edição
Século XXI

ENCICLOPÉDIA



Luso-Brasileira de Cultura

Edição
Século XXI



20

Editorial Verbo
Lisboa, Gr. D. 1



EDITORIAL VERBO
DEPARTAMENTO DE ENCICLOPÉDIAS E DICIONÁRIOS

DIRECTOR
JOÃO BIGOTTE CHORÃO
da Academia das Ciências de Lisboa

SECRETARIA-GERAL
ANTÓNIO LEITÃO

COORDENAÇÃO EDITORIAL
JORGE COLAÇO
GEORGE VICENTE

TRATAMENTO INFORMÁTICO
EM BASE DE DADOS
SANDRA MONTEIRO

COORDENAÇÃO GRÁFICA
MAGDA MACIEIRA COELHO

PESQUISA ICONOGRÁFICA
MAGDA MACIEIRA COELHO

FONTES ICONOGRÁFICAS
ARQUIVO VERBO • EUROPEA
BONNIER'S LEXICON
CÂMARA MUNICIPAL DE MIRANDELA
CÂMARA MUNICIPAL DE MOIMENTA DA BEIRA
CÂMARA MUNICIPAL DE MONDIM DE BASTO
CÂMARA MUNICIPAL DE MOURÃO
COMISSÃO NACIONAL DO EURO

REVISÃO
LÍDIA VINTÉM

CAPA E GUARDAS
JOSÉ BRANDÃO

PAGINAÇÃO E PRÉ-IMPRESSÃO
MARIA ESTHER - GABINETE DE ARTES GRÁFICAS, LDA.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
TILGRÁFICA - BRAGA
SETEMBRO DE 2001

© EDITORIAL VERBO
LISBOA / SÃO PAULO

NÚMERO DE EDIÇÃO: 2653
DEPÓSITO LEGAL n.º 135 126/99
ISBN 972-22-1850-6 (OBRA COMPLETA)
ISBN 972-22-2078-0 (VOLUME XX)

NOTA PRÉVIA

Editar uma Enciclopédia implica uma clara consciência de que o momento da edição representa um corte num processo que continua, imperturbável, a desenrolar-se. Preparar uma edição profundamente revista e actualizada dessa Enciclopédia — resultado de uma tal consciência — implica, por sua vez, a noção de que uma actualização não constitui necessariamente um corte com o mundo dos valores e dos saberes a que o brilho e o esforço de muitos dera anteriormente expressão. Empreender a actualização dessa Enciclopédia constitui, antes de mais, uma homenagem a esse labor colectivo, dando-lhe continuidade.

Nesta renovada edição, a ENCICLOPÉDIA VERBO tomou corpo animada pelo mesmo sopro de alma com que a anterior se apresentou. Mas nela está presente, mercê de centenas de contribuições de especialistas, um desejo de aperfeiçoamento e de atenção ao mundo que agora vivemos, ferido de imprevisibilidades, mas triunfante de transformações e novos conhecimentos.

Os ritmos da vivência cultural e científica adquiriram uma tal velocidade, tal diversidade e tais características de interdisciplinaridade, que não podiam senão ter determinado um elevado grau de mudança. Nesse sentido, a ENCICLOPÉDIA VERBO, sendo a mesma, é hoje outra. Um intenso trabalho editorial ao longo de anos impulsionou os mecanismos de uma renovação que se traduz num apuro de critérios e de sistematicidade e numa significativa percentagem de texto novo, consubstanciada em alguns milhares de novas entradas e na actualização ou substituição das existentes. O manuseamento e consulta da ENCICLOPÉDIA VERBO é intuitivo e extremamente simples. Impõem-se, no entanto, algumas explicações.

Actualizações e Bibliografias

Entre os aspectos que contribuíram para o prestígio e credibilidade da *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, desde o início da publicação e durante os anos que levou a completar-se a 1.ª edição, foi o facto de os verbetes nela contidos serem assinados por grandes nomes da cultura e da ciência de Portugal e do Brasil, além da colaboração de ilustres autores de outros países, e, regra geral, conterem uma bibliografia. Ora, a circunstância desta edição ser realizada a uma considerável distância no tempo daquela 1.ª edição, levantou dificuldades no que diz respeito ao equilíbrio entre a necessidade de actualização e a preservação do importante património de textos e autores, muitos deles infelizmente já desaparecidos. Neste sentido, foram utilizados dois procedimentos que se torna necessário esclarecer. O primeiro consiste em assinalar, por meio da sua colocação entre parênteses rectos, breves actualizações em textos cuja qualidade supera um ou outro aspecto inactual. O segundo, visou libertar a bibliografia do autor, de modo a permitir a sua actualização. Este procedimento, traduzido na colocação da bibliografia depois da assinatura, destinado a textos de autores que as circunstâncias impedem de rever, converteu-se em regra, para manter uma identidade estrutural da Enciclopédia. No último volume da Enciclopédia serão contemplados verbetes omissos e outras actualizações.

Remissões

A ENCICLOPÉDIA VERBO utiliza um sistema de remissões — através da colocação do símbolo ¶ imediatamente antes do vocábulo remetido — que envia o consulente para informações complementares e lhe permite ir traçando percursos de descoberta e aprofundamento, construindo a partir do texto procurado, um outro texto maior, multifacetado.

Nesta nova edição eliminaram-se, contudo, as remissões para nomes próprios e apelidos, sobretudo porque se considerou redundante juntar qualquer outra distinção à que o nome, pela sua própria natureza, já contém. Assim, qualquer indicação de nome no interior de uma dada entrada constitui, por si só, uma potencial remissão, desde que procurada segundo os critérios de ordenação utilizados, nomeadamente o da ordenação alfabética do apelido.

No caso das freguesias, agora incluídas em artigos mais extensos sobre os respectivos concelhos, será publicada, no final da obra, uma lista de todas elas com indicação do concelho a que pertencem, sua população e área.

O primeiro manifesta-se por largos anos exclusivamente pelo quadro hipertensivo (Hiper-tensão essencial) e só tardia ou raramente revela sinais de insuficiência funcional do rim, morrendo antes dos doentes de acidente congestivo cerebral (edema, hemorragia) ou de insuficiência cardíaca (edema pulmonar agudo, insuficiência cardíaca congestiva). Só numa variedade menos frequente, denominada hipertensão maligna, a doença toma uma marcha acelerada e reveste-se precocemente de sinais de insuficiência renal. Se a sobrevida o permite, as alterações vasculares arteriolo-capilares glomerulotubulares conduzem à esclerose e hialinização dos glomérulos e o rim retrai-se, exibindo uma superfície granulosa, cortical delgada e aderente à cápsula. Na segunda forma, rim retraído secundário maligno, o doente já era um nefrítico com as características anatómo-clínicas do mal, cujo progresso conduz à esclerose secundária, com desaparecimento de muitos glomérulos e hipertrofia dos remanescentes e as consequências funcionais: isostenúria, uremia — o rim deixa de ser um parênquima para ser um filtro (Isostenúria).

Nas fases avançadas do mal, o anátomo-patologista não pode, sem o auxílio da história clínica, pronunciar-se sobre uma ou outra das formas que convergiram para o quadro final do rim retraído.

MÁRIO MOREIRA

BIBL.: A. M. Fishberg, *Hypertension and Nephritis*, Filadélfia, 1954.

nefrose — MED. Introduzido por F. Muller, divulgado por Volhard e Fahr, o termo «nefrose» visou definir, dentro do conjunto heterogêneo do mal de Bright, as nefropatias de natureza degenerativa em oposição às inflamatórias (nefrites). As suas características seriam a feição degenerativa tubular com inclusões celulares e cilindros lipídicos, a integridade do sistema vascular e uma expressão clínica constituída por edema, intensa albuminúria sem hematúria, hipoproteinemia, hipercolesterolemia, sem hipertensão. A N. perdeu progressivamente a sua individualidade para dar lugar ao «síndrome nefrítico». Bell (1947) decreta a «glomerulonefrite membranosa», fazendo do engrossamento da membrana basal dos capilares glomerulares a lesão fundamental do estado nefrítico. Mas só a microscopia electrónica viria a explicar a excessiva permeabilidade desta membrana, revelando-lhe uma estrutura porosa constituída por lâminas densas e fenestradas, com núcleos endoteliais esparsos no interior e, no exterior, células epiteliais pediculadas-podócitos. O síndrome nefrítico surge como uma das consequências de uma longa lista de infecções, em que, além de um conjunto de doenças específicas do próprio rim, são relevantes a diabetes, a hipertensão, o lupus eritematoso disseminado, diversas formas de cancro e algumas infecções bacterianas ou virais.

MÁRIO MOREIRA/ARMANDO BRITO DE SÁ

BIBL.: E. T. Bell, *Renal Diseases*, Filadélfia, 1947; A. M. Fishberg, *Hypertension and Nephritis*, ibid., 1954; Homer W. Smith, *Principles of Renal Physiology*, Nova Iorque, 1956. M. H. Beers, R. Berkow (eds.), *The Merck Manual of Diagnosis and Therapy, 1865-1875*, New Jersey, 1999.

nefrostomia — MED. Do grego *nefrós*, «rim», e *stoma*, «boca»: intervenção cirúrgica que consiste em incisar o parênquima renal e fazer comunicar as cavidades caliciais ou piélicas com o exterior, a fim de que a urina para aí saia. Talvez tenha sido D. de Marchetti quem tenha executado uma das primeiras N. Em 1633, num célebre Mr. Hobson, cônsul da Inglaterra em Veneza, procedeu a uma nefrolitotomia, e o doente ficou com uma fistula urinária lombar permanente. A N. tem duas indicações principais: a drenagem de uma piodrose, e a derivação temporária ou permanente da urina, o que se torna necessário em diversas situações.

CÂNDIDO SILVA

nefrotifo — MED. Febre tifóide de invulgar sintomatologia renal revelada principalmente por hematúria e albuminúria sem hipertensão, devida a uma nefrite focal trombo-embólica bacteriana de prognóstico reservado. Outras infecções podem originar fenómeno idêntico: pneumococo, estreptococo *viridans*, etc.

MÁRIO MOREIRA

nefrotóxina — MED. Substância solúvel de composição complexa proteica elaborada pelo metabolismo bacteriano — estreptococo, pneumococo, etc. — com afinidade electiva para o rim, como a estreptolisina O, p. ex., responsável pela reacção antigénica causadora da glomerulonefrite aguda escarlatosa. Os autores de língua inglesa empregam «nefrotóxina» para designar os sais de metais pesados causadores da nefrose tóxica necrosante, o que na nossa língua é impróprio.

MÁRIO MOREIRA

Nefali (Tribo de) — ESCR. Uma das 12 tribos de Israel; o seu território muito fértil era situado na Galileia e confinava a E com o rio Jordão e o lago de Genesaré, ao N com a Fenícia e a O com os territórios de Zabulão e Aser. Cafarnaum ficava no território desta tribo. O comandante Barac, do tempo dos Juizes, e o piedoso Tobias são os homens mais ilustres desta tribo.

BALDUÍNO KIPPER

Néftis — Deusa do antigo Egipto pertencente ao grupo de divindades de Heliópolis (Enéade). O seu nome em egípcio, *Nebeht-Hut*, significa «Senhora da Mansão», e é reconhecida apenas pelos hieróglifos que a identificam sobre a sua cabeça. Ocupa o papel de irmã e esposa de Set, mas o facto de ser também irmã de Osiris e Ísis retira-lhe a negatividade que poderia advir da sua ligação ao deus Set. Mais tarde, é tida como mãe de Anúbis, resultado de uma pouco clara união com Osiris. No Império Novo, devido à sua associação ao mundo dos mortos (tanto pela sua ligação com Set como com Anúbis), é representada na iconografia dos sarcófagos junto à cabeça do morto. Era também a protectora de Hapi, o filho de Hórus encarregue de guardar os pulmões do morto. As faixas que protegiam a múmia representavam o cabelo de N., dos quais o morto tinha de se libertar para atingir a vida eterna.

CLAÚDIA SOFIA MONTE FARIAS

BIBL.: G. Hart, *A Dictionary of Egyptian Gods and Goddesses*, Londres, 1986; S. Quirke, *Ancient Egyptian Religion*, Londres, 1992; I. Shaw e P. Nicholson, *The British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, Londres, 1995.

negação — FILOS. Acção ou operação lógica de negar (processo judicativo), ou efeito dessa mesma acção (resultado: juízo, doutrina). De uma perspectiva ontológica a N. assume o sentido de uma ausência ou não-entidade determinada a contrario por relação à positiva actualidade de algo.

Em grego, a negação é *ἀπόφανσις* (apófansis), «negar, dizer que não». Estas são, porém, formas linguísticas tardias, já dependentes de uma gramática e de uma sintaxe lógica, qual *organon* do bem pensar que, desse modo, procura dar conta do verdadeiro e do falso nas proposições, e da adequação entre sujeito e predicado ao nível dos conteúdos proposicionais. A N., contudo, não fala exclusivamente grego ou latim, sobretudo hoje, superado que está o modelo clássico da lógica binária (ou é ou não é; o terceiro é excluído) pelo surgimento de modelos lógicos e semânticos polivalentes (cf. Colloque La Negation, *La negation sous divers aspects, Actes du Colloque*, Neuchâtel 22-23 octobre 1987, Neuchâtel, s.d.).

Tal como a interrogação, também a N., ou pelo menos a sua possibilidade, traz consigo uma desproporção que assombra e maravilha quem, ainda que por uma vez apenas, a leva verdadeiramente a sério. Tomada no seu sentido absoluto, ela tem algo de horrendo e abissal, a roçar o impensável. Neste sentido, não há posição primeira para perscrutar a possibilidade da negação absoluta, aquela que envolve em si a N. da linguagem, a N. do homem, do mundo, de Deus, dos deuses, de todos os deuses, de toda a realidade e de todos os possíveis. Tomada no seu sentido relativo («negar algo», «dizer que não», ...), atesta ainda a grandeza de uma vontade que pode resistir sempre. Nesta perspectiva há sempre algo de absoluto numa N.: revela a presença de um poder capaz de resistir a todos os poderes, de uma liberdade capaz de se abrir ou de se fechar a outra liberdade.

A gênese da possibilidade de N. é um dos problemas mais complexos da teologia e uma *vexata quaestio* da reflexão filosófica, ou não fosse o princípio a grande questão da filosofia. Para a gnose e para outras leituras esotéricas, todas as negações remontam ultimamente a um primeiro acto de negação que aconteceu no seio do próprio Deus: a criação (cf. Sto. Ireneu, *Adversus Haereses*). Esta posição sobre a N., aliás, tem muita relevância para a hermenêutica do pensamento português. Certas leituras dolentes e nostálgicas da saudade galaico-portuguesa relevam de uma visão gnóstica que perpassa de modos diferentes certos pensadores portugueses (de Sampaio Bruno a José Régio) chegando à afirmação de uma cisão extrema no próprio Deus, qual paradigma de todas as cisões e negações. De uma maneira geral, a posição filosófica que recolhe algum consenso é a que reconduz a gênese da N. ao espírito à experiência do devir e da multiplicidade. Deste modo, a N. acaba por ser vista como um caso particular da questão mais ampla do Uno e do Múltiplo,

do Mesmo e do Outro, da Identidade e da Diferença. A reflexão teológica judaica e cristã ortodoxa, porém, sempre entendeu a criação, não como N. de Deus (o *negócio* divino, por oposição a um suposto eterno *ócio*), mas como sua afirmação, i. é, como manifestação da sua super-veniência, da sua glória e do seu poder. Por isso conduziu sempre a questão da N. do horizonte ontológico para o horizonte ético: a N. é o acto de uma vontade pode «dizer que não», e assim erigir-se contra o seu autor. Etiologicamente, isso é representado pela posição de Lúcifer (o Portador da Luz) que não aceita submeter-se: «não servirei!» («non serviam!») Aliás, entre os primeiros cristãos negar e confessar não são proposições lógicas, mas categorias religiosas e teológicas: o *negator* é o apóstata e opõe-se directamente ao confessor, o mártir. A exegese neotestamentária e patrística, contudo, à luz da economia da salvação, cujo centro é a Encarnação do Verbo, desenvolve um sentido positivo da N. de Deus entendida agora como «ocultamento» de Deus na figura de Cristo, ou «esvaziamento» da forma divina na figura do servo. S. Paulo, na *Carta aos Filipenses* (2,7), pergunta: «Com efeito, como não se tornou inferior a si próprio quem se aniquilou [esvaziou] a si mesmo assumindo a forma de servo?»

Ao longo do pensamento ocidental cruzaram-se amíde elementos de ambas as posições, e nem sempre é fácil determinar o valor exacto da N. nas visões filosóficas, teológicas ou místicas daí emergentes. Seja como for, é inquestionável o lugar central que a N. assume, p. ex., na Filosofia Neoplatónica, na Teologia Apofática (negativa) dos escritos do Pseudo-Dionísio, no pensamento de Máximo, o *Confessor*, na obra magna de João Escoto Eritígena, *De divisione naturae*, assim como na mística especulativa dos Victorinos, ou dos mestres renanos como Sto. Alberto Magno e Mestre Eckhart.

A expressão mística utiliza a N. sobretudo como uma forma de exaltar a absoluta alteridade do divino. Nesta óptica, a N. aparece numa dupla perspectiva: linguística e ontológica, pois é preciso negar tudo o que se diz da deidade porque é sempre dito à maneira humana; nem Deus nem a experiência mística são dízeis senão por uma contínua N., «nada disto!», o que tem também um alcance ontológico, visto que Deus está para além de todas as realidades. Curiosamente, certas formas de agnosticismo e ateísmo modernos e contemporâneos pode ser vistas em continuidade com aquela «teíssima» N.

A modernidade, todavia, de modo particular o Idealismo Alemão e o Romantismo, valorizam profundamente a N. e a negatividade como formas de progresso do Espírito na História Universal. De acordo com Hegel, a lei íntima de toda a realidade em devir, a dialéctica, é um processo de negação *ontoteogológica*, onde a verdade de um momento está no momento posterior que supera-recupera o anterior. A História é trágica porque as diferentes e sucessivas figuras do Espírito devem morrer necessariamente para que advenha o Espírito Absoluto. Há pois uma positividade na negatividade. Esta afirmação relativa ao processo da História Universal é válida também para a história de cada indivíduo, dizem as investigações psico-

